

O REI LEAR E O PESSIMISMO SCHOPENHAUERIANO: UMA ABORDAGEM METAFÍSICA ACERCA DA MISÉRIA DA VIDA

KING LEAR AND THE SCHOPENHAUER'S PESSIMISM: A METAPHYSICAL APPROACH TO THE HUMAN MYSERY

Mônica Saldanha Dalcol
Anselmo Peres Alós
UFSM

Resumo: a tragédia *O rei Lear* (1606), de William Shakespeare, narra a velhice de Lear, rei da Bretanha. A trama desenvolve-se a partir das misérias típicas do último estágio da vida de um rei: a senilidade e a necessidade de dividir o seu reino. A miséria a qual Lear está submetido na narrativa aproxima-se da abordagem metafísica do pessimismo, a partir da filosofia de Schopenhauer, através da compreensão que a única felicidade possível aos seres humanos é a ausência de dor. Deste modo, teceremos as aproximações entre a tragédia de Shakespeare e o pessimismo metafísico schopenhaueriano.

Palavras-chave: *O rei Lear*, Shakespeare, Schopenhauer, pessimismo.

Abstract: *William Shakespeare's King Lear (1606) tragedy tells the oldness of Lear, king of Brittany. The plot develops by means of typical miseries of a king's life last stage – the senility and the need to tell his kingdom apart. The misery to which Lear is subjected in the narrative approaches the pessimism metaphysics through Schopenhauer's philosophy by means of the comprehension that the only possible happiness to human beings is the pain's absence. Therefore, in this work, we bring Shakespeare's tragedy and Schopenhauer's metaphysics pessimism together.*

Keywords: *King Lear, Shakespeare, Schopenhauer, pessimism.*

A tragédia *O rei Lear*, escrita em 1606 por William Shakespeare, tem como trama a velhice de Lear, rei da Bretanha, que é assolado pela desgraça de ter que dividir o seu reino. Porém, não é apenas essa desgraça que marcará a vida de Lear. Há outras duas incontornáveis: a primeira diz respeito à designação divina – Lear não possui nenhum filho varão; a segunda diz respeito à condição humana

– Lear está na velhice. Neste estágio final da vida, ele acaba sendo acometido de todas as misérias que acompanham o período, como a senilidade, o que o conduz à dificuldade de discernimento para compreender o conteúdo verdadeiro e falso das ações daqueles que o rodeiam. Lear possui três filhas: Goneril, Regana e Cordélia. Deste modo, Shakespeare faz uma análise minuciosa da nossa condição humana, em *O rei Lear*, a partir da nossa finitude. A atmosfera que circunda a vida de Lear é marcada por ambições, pela crueldade, pela violência e pela miséria, o que, de antemão, justifica a aproximação com o pessimismo schopenhaueriano. Deste modo, aproximaremos o discurso conceitual do filósofo Schopenhauer acerca do pessimismo com o discurso dramático presente na tragédia da maturidade de Shakespeare, *O rei Lear*.

Ao contrário das outras peças de Shakespeare, *O rei Lear* não trata propriamente de um tema recorrente às peças de Shakespeare, como a tipificação do caráter, mas sim da compreensão do limite das ações essencialmente desproporcionais dos personagens, e a contaminação psíquica que Lear vai sofrendo ao decorrer da tragédia. Além disto, a peça tem outra característica fundamental: ela possui uma temporalidade dividida, isto é, o drama de Lear é replicado em Gloucester, fazendo com que tenhamos um sub-enredo, ou uma história com dois enredos que estão conectados, já que uma história é reverberada na outra.

A tragédia, desde os gregos até a Inglaterra renascentista, é vista como uma exacerbação intensa do sofrimento¹ e da presença do mal. Tradicionalmente, ela é marcada por um momento de queda ou ruptura que resulta no movimento dos personagens que decaem do patamar de prosperidade à miséria. Esse movimento no caso da peça de Shakespeare é motivado por uma mudança profundamente trágica. Os percalços e as calamidades que acometem a vida de Lear são, desde o início da tragédia, procedentes de suas ações. Lear configura a essência do herói trágico, ao ser conduzido à ruína pelas suas próprias ações ou omissões, marcada por ações espontâneas e precipitadas (em grande parte enlaçadas a uma atmosfera de irracionalidade e loucura), e motivadas pela senilidade.

Os personagens Lear e Gloucester, ambos idosos, tem as suas histórias coadunadas pela miséria, violência, traição e pelo sofrimento no estágio final de suas vidas. Marcados por esse cenário devastador, acabam invertendo os valores acerca das ações verdadeiras e das ações dissimuladas. Assim como Lear, Gloucester também trata de forma injusta o filho que verdadeiramente lhe ama (Edgar), e de forma justa àquele que lhe traiu (Edmundo). Esta não é a única ação que unifica a tragédia dos dois, pois ambos também acabam ao final da peça tendo um momento de profunda redenção da vida e do apaziguamento das escolhas mal sucedidas, morrendo na companhia dos filhos que verdadeiramente os amavam. A chegada da hora da morte de Lear e Gloucester configura o fim e a redenção de todo sofrimento provocado pela inquietação de questionarem-se o porquê dessa traição familiar.

A fragilidade dos laços familiares fica evidente logo no início da tragédia, quando Lear observa que precisará dividir o seu reino. Para isto, Lear empreende a ação que desencadeará a sua

¹ Tereza Virgínia Barbosa afirma que, em todas as tragédias, “o poeta nos leva a contemplar a condição humana, seus limites e seus desejos desmedidos”, concluindo que “essa vivência estética da *hybris* permite ao ser da pólis um acesso à realidade de desejo desmedido e, nesse universo trágico-teatral, tudo é suscetível de revelar-se como realidade potencial absoluta do ser, até mesmo a dor, o horror e a destruição”. BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro. *A consciência trágica do limite: mimesis e expressão*, p. 30.

completa ruína, a saber, descobrir quais das filhas possuem maior amor por ele. Para isso, o rei utiliza como parâmetro o modo como elas expressam seus sentimentos. Entre elas, temos as personagens transgressoras – Goneril e Regana, na medida em que ultrapassam as condições impostas pelo rei para a ocupação de suas terras e do palácio, e a figura ingênua e injustiçada: sua filha mais jovem, Cordélia.

A posição de Cordélia diante da autoridade do pai é de completa resignação, estando disposta inclusive a não contrair matrimônio para continuar amando unicamente ao pai. Ao mesmo tempo em que ela carece de vocabulário para expressar seu amor pelo pai, o amor a ele é imperativo, pois ela o ama porque é seu dever amá-lo: “Meu bom senhor, tu me geraste, me educaste, amaste. Retribuo cumprindo o meu dever de obedecer-te, honrar-te, e amar-te acima de todas as coisas”². Ela acaba suplicando ao pai para que ele não confunda a sua falta de destreza com a linguagem com a ausência de sentimentos pela sua pessoa:

Suplico apenas a Vossa Majestade, por me faltar a arte pérfida e oleosa de falar sem sentir- pois que sinto eu faço sem falar- suplico que proclame não ter sido a mácula de um vício, nem um assassinato, um ato infamante, ação despudorada ou passo desonroso o que me fez perder a sua graça e favor; mas exatamente a falta daquilo que me torna mais rica- um olhar de permanente adulação e uma língua que me orgulho de não ter, embora não tê-la me haja feito perder o seu afeto³.

Lear associa as palavras sinceras de Cordélia à dureza. Quando questionada pelo rei sobre o que ela poderia dizer para merecer um terço do reino, ela se cala e responde ao pai: “infeliz de mim que não consigo trazer meu coração até a minha boca. Amo vossa Majestade como é meu dever, nem mais, nem menos”⁴. A súplica de Cordélia é indiferente ao pai, que afirma “melhor que não tivesses nascido do que me seres tão desagradável” (2016, p. 15). Cordélia, apesar de relegada ao indiferentismo do pai, consegue perceber a dissimulação de suas irmãs. Por fim, ela é condenada quando é deserdada pelo próprio pai, e Goneril e Regana, que figuram como vilãs, são perversas e aproveitam-se de Lear, usurpando seu poder. A falta de solidariedade e afeto com a miséria de Lear fica evidente no modo como Goneril refere-se ao pai:

Assumam um ar de cansada negligência, tu e teus companheiros; gostaria mesmo que isso provocasse uma discussão. Se ele não lhe agrada, que vá para casa de minha irmã. Ela pensa exatamente como eu – não queremos mais ser tuteladas. É um velho inútil que pretende ainda exercer os poderes que não lhe pertencem! Por minha vida, os velhos caducos voltam à infância, merecem repreensões e não carinho, quando vê erram no caminho⁵.

Cordélia, a única filha que se recusou à arte pérfida e oleosa de falar sem sentir, é, certamente, a figura feminina injustiçada da tragédia. Enquanto seu pai almeja e espera um relato rebuscado e formal do sentimento de suas filhas, para com isso julgar qual delas possui o maior grau de amor,

² SHAKESPEARE. *O rei Lear*, p. 10.

³ SHAKESPEARE. *O rei Lear*, p. 15.

⁴ SHAKESPEARE. *O rei Lear*, p. 10.

⁵ SHAKESPEARE. *O rei Lear*, p. 15.

mediante a linguagem mais persuasiva, Cordélia é a que fracassa nesse embate. O seu sentimento, por ser genuíno é, ao contrário do das irmãs, impossível de ser expresso em palavras. Kent é a figura que também tenta defender Cordélia, porém acaba tendo o mesmo fim que ela: também é expulso do reino e acaba, em função de sua devoção, se disfarçando para continuar como serviçal do rei. Cordélia, que antecipadamente jurou amor ao pai e expressou que não desejava se casar, acaba unindo-se ao rei da França.

O drama de Lear acaba repetindo-se no sub-enredo da tragédia, onde Gloucester e seus dois filhos, Edgar (o filho legítimo) e Edmundo (o filho bastardo). A tragédia que assola Gloucester também gira em torno da traição filial, pois Edmundo, desde o começo da tragédia apresenta-se como vilão e já demonstra sua articulação para romper os laços familiares entre Gloucester e Edgar. Para isto, ele⁶ acaba forjando uma carta que leva Gloucester a pensar que o seu filho está tramando contra o próprio pai. O processo de ser acometido e contaminado é o mesmo que ocorre com Lear. Ele também acaba sendo persuadido pelas palavras do filho. Por fim, Gloucester acaba levando o próprio pai a prender o filho Edgar. Ao cair nas artimanhas de Edmundo, Gloucester esbraveja contra o filho: “Ah canalha, canalha! O mesmo que ele diz na carta. Abominável canalha, filho desnaturado, detestado, besta asquerosa. Pior que asqueroso. Vai, rapaz, vai procurá-lo, que eu mandarei prendê-lo, o odioso canalha”⁷.

Neste cenário de profunda contaminação psíquica, Gloucester reflete sobre a miséria que assola a sua existência, fazendo com que o mundo seja uma extensão de sua própria dor, marcado também pela discórdia, pela traição e pelos laços que se rompem:

O amor esfria, a amizade se rompe os irmãos de dividem. Na cidade, revoltas, nos campos, discórdia; nos palácios, traição; e se arrebatam os laços entre pais e filhos. Esse vilão que criei caiu nessa maldição; é um filho contra o pai. O rei desvia-se das leis da natureza: é o pai contra a cria. Nós vimos o melhor de nosso tempo: perfídias, traições, imposturas e toda espécie de agitações funestas vão nos acompanhar sem descanso até a tumba⁸.

Lear e Gloucester, ambos sufocados pelo total desconhecimento do caráter de seus filhos, acabando sendo arrebatados por um profundo pessimismo. Lear questiona Gloucester que, mesmo “sem olhos”, pode enxergar como anda o mundo: “assim que nós nascemos, choramos por vermos neste imenso palco de loucos”⁹.

Neste quadro de horror, algumas cenas enfatizam a completa fragilidade dos personagens; uma delas é o acontecimento da tempestade que promove o cenário de completa vulnerabilidade sobre Lear. Em meio a essa a fúria da natureza é que ele demonstra estar próximo de sua humanidade. Os sinais de tempestades surgem no final do segundo ato, justamente no momento em que Lear

⁶ Edmundo não é apenas responsável pela ação do pai prender o filho inocente, Edgar; ele também é responsável pela atrocidade do pai ter seus olhos arrancados pelo Duque de Cornualha, já que ele afirma que o pai que auxiliou o rei a ir até Doves.

⁷ SHAKESPEARE. *O rei Lear*, p. 21.

⁸ SHAKESPEARE. *O rei Lear*, p. 22.

⁹ SHAKESPEARE. *O rei Lear*, p. 114.

afirma que, apesar de ter muitos motivos para chorar, “o coração estourará em cem mil pedaços antes que eu chore” (2016, p. 66). É como se a tempestade esculpisse as lágrimas que Lear, já que ele esforça-se para não permitir que elas caíssem de seus olhos, talvez por ainda lhe restar alguma vaidade, talvez por acreditar que elas mancharão “a sua face masculina”. Ao discutir com Goneril sobre o número de criados que Lear teria ao seu dispor, Lear antecipa a atmosfera filosófica que será introduzida na tragédia através da tempestade:

Oh, não vamos discutir necessidades! Nossos miseráveis mais miseráveis sempre têm alguma coisa que é supérflua às suas necessidades miseráveis. Se concedermos à natureza humana apenas o que é essencial à vida do homem vale tão pouco quanto a do animal [...]. Suplicando as deuses “Ó céus, dai-me paciência, que paciência eu necessito! Vós estais vendo aqui, ó deuses”! Um pobre velho tão cheio de acasos quanto de anos; e desgraçado em ambos (SHAKESPEARE, 2016, p. 66).

Sendo escrachado por suas filhas¹⁰, Lear dá a ordem de montar e acaba indo de encontro à tempestade. Diante do horror e da pequenez humana perante a impetuosidade da natureza, Lear inaugura um novo patamar da tragédia, pois entra em cena o sentimento de resignação humana e a via de abertura para o reconhecimento do padecimento da vida diante do horror. Apesar do cenário catastrófico, a possibilidade de surgir um sentimento de benevolência é, ainda que singela, possível, mesmo em um mundo marcado pelo egoísmo e pelo enaltecimento das vontades individuais. A ferocidade da natureza é pequena diante do sofrimento interno de Lear:

Tu pensas que é demais suportar esta tempestade faribunda penetrando até os ossos. Para ti deve ser: mas onde alojou a dor maior mal se percebe a dor menor. [...] Quando a alma está em sossego, o corpo é mais sensível à tempestade da minha alma apaga em meus sentidos toda outra sensação senão a que dói aqui. Ingratidão filial¹¹.

Dirigindo-se a Kent e ao bobo, Lear apresenta-se com um rei que possui, diante do horror, consciência moral:

Pobres desgraçados nus, onde quer se encontrem sofrendo o assalto desta tempestade impiedosa, com as cabeças descobertas e com os corpos esfaimados, cobertos de andrajos feitos de buracos, como se defendem vocês de uma intempérie assim? Oh! Eu me preocupei bem pouco com vocês! Pompa do mundo é este o teu remédio; expõe-te a ti mesmo no lugar dos desgraçados, e logo aprenderás a lhes dar o teu supérfluo, mostrando um céu mais justo¹².

Em meio a essa oscilação do seu sofrimento (individual) e do sofrimento da humanidade (coletivo), a miséria é agora metafísica, pois se repercute em todo o universo. É Glouchester que reflete também sobre a brutalidade de seu destino: “desde então aprendi muito. Somos para os

¹⁰ Regana recusa-se a receber ele e seus acompanhantes: “eu o receberia de bom grado, ele sozinho, mas nem um só dos que o acompanha” (SHAKESPEARE. *O rei Lear*, p. 66). Goneril afirma que a culpa é do próprio pai: “por vontade própria abandonou sua tranquilidade; tem que pagar por sua loucura”. SHAKESPEARE. *O rei Lear*, p. 66.

¹¹ SHAKESPEARE. *O rei Lear*, p. 76.

¹² SHAKESPEARE. *O rei Lear*, p. 77.

deuses o que as moscas são para os meninos; matam – nos só por brincadeira”¹³. Os filhos de Lear e Gloucester também têm seus destinos semelhantes, Edgar, assim como Cordélia também acolhe o pai no seu pior momento de infortúnio, ele que o guia após o pai ter seus olhos arrancados. Edgar, assim como Cordélia, é capaz de expressar um dos sentimentos mais nobres e raros, o da compaixão, pois é ele que “engana” que está levando o pai até o penhasco e acaba persuadindo-o que ele haveria sido salvo por uma interseção divina.

O começo da tragédia apresenta-nos um Lear vaidoso e desconfiado, exigindo demonstrações de afeto de suas filhas. Já o desenvolvimento da tragédia é um processo de decomposição dos próprios personagens, isto é, o fim da tragédia é o fim do próprio Lear. Quando Gloucester afirma que quer beijar a mão do rei, este afirma: “vou limpá-las primeiro, cheiram à mortalidade”¹⁴. Não é apenas Lear que esbraveja a miséria da existência. Edgar, filho de Gloucester, faz o mesmo exercício reflexivo, em um diálogo com Edmundo, quando questionado por saber das desgraças que assolaram a vida de Gloucester: “oh, a doçura da vida nos faz aceitar o horror de morrer a todo instante quando seria preferível morrer de uma vez”¹⁵.

Lear, assim como os outros personagens, é um corpo nobre que traça seu percurso em direção a um destino fatal, pois ele é o arquétipo da humanidade marcado pela fatalidade da vida. Em uma atmosfera marcada por uma batalha constante de uns com outros, os indivíduos estão agarrados até as entranhas em seus egoísmos, lutando incansavelmente pelo poder ou pela destituição do poder. O processo de adoecimento que arrasta Lear para o fim é marcado também pela sua atitude preconceituosa com a filha Cordélia. Por fim, completamente esgotado, Lear cede o poder às mãos de suas filhas, após o questionamento exaustivo sobre qual delas é a mais digna da recompensa. Lear, dotado de um caráter inflexível e autoritário, acaba deixando-se conduzir pelas palavras de Regan e Goneril, e permanece indiferente e insensível ao discurso simples e ingênuo da filha mais jovem, Cordélia. Ao ir às turras com Regan e Goneril, notamos de forma mais clara os sintomas de amargura e abandono que começa a brotar no peito de Lear.

O movimento do personagem é repentino, indo da ascensão à queda; ele desce aos escombros da miséria humana e pode levar o leitor ou espectador à comoção do com a sua extrema fragilidade, a qual não lembra em nada a imagem tradicional de um rei. Traído pelas suas próprias filhas, o remorso de Lear é geracional, isto é, ele questiona porque havia gerado filhas assim. Neste movimento interno de questões, Lear inicia seu processo de demência. O arrependimento que acomete Lear (ou, na linguagem schopenhaueriana, *a mordida da consciência*), não tem como motivação a injustiça cometida a Cordélia, que parece manter-se invisível ao olhar paterno. Deste modo, o arrependimento de Lear não gira em torno do reconhecimento de suas ações injustas, mas somente com relação às ações injustas cometidas pelas filhas com relação a ele (isto é, apenas a ingratidão que atinge a ele, mas não a ingratidão exercida por ele). Na medida em que vai avançando o quadro senil de Lear, o seu corpo

¹³ SHAKESPEARE. *O rei Lear*, p. 96. Tendo em vista que o problema da teodicéia assola a filosofia, principalmente a partir da Idade Média, quando todos os esforços estão dirigidos à tentativa de justificar a presença de um Deus constituído por uma tríade (onipresente, onisciente e onipotente) de virtudes e a existência e a perpetuação do mal no mundo.

¹⁴ SHAKESPEARE. *O rei Lear*, p. 112.

¹⁵ SHAKESPEARE. *O rei Lear*, p. 134.

sucumbe ao processo de deterioração de sua alma. Na Cena I, Ato I, temos um Lear octogenário enérgico; já no avanço da tragédia, no Ato III, temos um corpo completamente retraído e adoecido.

Por fim, as tropas britânicas assolam as terras, e Cordélia recupera o pai, configurando uma completa renúncia de sua vontade, representando toda humanidade possível em suas ações. Cordélia apazigua o quadro de sofrimento da tragédia, já que suas ações são marcadas pela benevolência. Porém, como não há lugar para a predestinação divina, Cordélia, aquela que fundou suas ações nos sentimentos mais sublimes e morais, acaba tendo um trágico desfecho: é condenada ao enforcamento a mando de suas irmãs. Lear apresenta-se passivo diante do horror que assola sua vida em um reino dividido entre Goneril e Regana, e acaba mostrando-nos que apesar de suas escolhas erradas, as filhas “pecaram” muito mais do que ele próprio “pecou”.

O percurso que traçamos até aqui nos remete, em um primeiro momento, a um mundo composto pelas intrigas, dores e traições; e em um segundo momento, ao fim de todo sofrimento, pela via da renúncia, do esvaziamento da afirmação da vida e, conseqüentemente, pela morte de todos os personagens. O trajeto percorrido por Lear, Glouchester, Edgar e Cordélia demonstra que não somente suas ações ou omissões que resulta em um fim trágico. Por haver uma identificação entre vida e sofrimento, que é inerente às nossas próprias escolhas, isto não significa que estejamos defendendo um fatalismo presente na existência humana, mas que há uma identificação entre vida e sofrimento¹⁶. Deste modo, veremos como podemos aproximar o cenário shakespeariano do aparato metafísico-conceitual schopenhaueriano, destacando os dois movimentos centrais da tragédia que resultam do clico incessante do sofrimento. O primeiro, o reconhecimento que a vida é padecimento; o segundo, que apesar disto, há a via de abertura para resignação moral, compreendida como *compaixão*.

Para Schopenhauer, somente os gênios teriam a vantagem de acessar a essência do universo – a Vontade¹⁷. Desse círculo restrito aos gênios, fazem parte o artista, o filósofo, o sábio e o asceta. Para o filósofo, Shakespeare faria parte dessa pequena parcela da humanidade, já que assim como Goethe, Sófocles, Ésquilo e Calderón, anteviram a verdade essencial da vida (a saber, que ela é em si mesma trágica): “um espetáculo de grande infortúnio”¹⁸. Na parte III de sua obra magna, *O mundo como Vontade e como Representação*, Schopenhauer trata da questão do belo, referido-se ao triste fim das *Ofélias*, *Desdemonas* e *Cordélias*.

¹⁶ “Assim que nós nascemos, choramos por nos vermos neste imenso palco de loucos. Eis aqui um bom chapéu”. SHAKESPERARE. *O rei Lear*, p. 114.

¹⁷ A vontade, como equivalente à coisa em si kantiana, complementa o mundo como representação. “O mundo é minha vontade” (SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e como representação*, p. 206). Tal vontade é em si mesma irracional, marcada pela carência, dado que os seres humanos como expressão de objetivação dessa Vontade, estão inseridos num jogo de afirmação e negação ou supressão da vontade. Ela possui um “estatuto cosmológico” – ela é a essência regente do mundo, estando presente em todos os fenômenos e possui três características básicas: a *unidade*, a *infundamentabilidade* e a *incognoscibilidade*. Como a vontade é marcada por essas características, no contexto do mundo como vontade, diferentemente do que caracteriza o mundo como representação, não há a forma sujeito e objeto. Por conseguinte, fica vedado o acesso ao conhecimento da vontade, visto que só podemos ter conhecimento a partir do domínio dos fenômenos. Aqui não nos é permitido investigar questões relacionadas ao fundamento, razão ou causa da Vontade. Nas palavras de Schopenhauer: “a essência íntima do mundo, a coisa-em-si, é a vontade, a vontade de viver, e esta, enquanto tal, conta com três propriedades metafísicas: a unidade, a infundamentabilidade, e a incognoscibilidade”. SCHOPENHAUER. *Sobre o fundamento da Moral*, p. 117-180.

¹⁸ SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e como representação*, p. 266.

A filosofia schopenhaueriana reconhece que nossa existência é um ciclo de carências de e desejos infindáveis:

Que a existência humana deva ser algo como um extravio fica suficientemente claro através da simples observação de que o homem é a concreção de carências cuja satisfação dificilmente alcançável nada lhe garante senão um estado sem dores, no qual só lhe resta o tédio e que prova que a existência em si mesma não tem nenhum valor¹⁹.

Na filosofia de Schopenhauer, a dimensão metafísica faz com que o ser humano seja dirigido por fins como “manter-se vivo” e “reproduzir” ou “produzir vida nova”, gerando uma série de objetos de desejo e necessidades correspondentes à ampliação de seu repertório cognitivo e cultural. Assim, estamos inseridos nesse modo de existência, marcado cotidianamente pela busca e satisfação de nossos desejos. Esse “jogo” onde perseguimos determinados fins, alternando entre um objeto de desejo e outro (originado da carência, isto é, da falta) é uma das formas em que o sofrimento se apresenta. Como explica Debona:

A vontade funda uma [...] cosmologia da vontade irracional, essência cega e incessante de todos os seres, que faz prevalecer em todo indivíduo um egoísmo colossal, que “comanda o mundo” e desconhece qualquer identidade entre eu e não-eu. Pelo fato de uma tal essência carecer de fundamento e de fins últimos, as satisfações são sempre passageiras e as disputas, os conflitos e as guerras são eternos, do que decorre uma *teodiceia* (ou *patodiceia*) do mal radical, da dor e dos sofrimentos de todo tipo, assim como a impossibilidade de qualquer felicidade autêntica e duradoura [...] o egoísmo é a *Haupt und Grundtriebfeder*, motivação principal e fundamental das ações, que é instrumentalizada pela racionalidade humana²⁰.

No ciclo incessante da servidão à vontade, a satisfação de um desejo não representa a cessação do querer; pelo contrário, como surgem novos fins a serem perseguidos, não podemos eliminar o sofrimento de modo absoluto. Sendo assim, o reconhecimento do nosso estado de padecimento, como seres desejantes e carentes, é uma via para a compreensão do pessimismo schopenhaueriano. A sua radicalidade, no entanto, não deriva apenas da consciência das mutações e variações no domínio do querer, nem mesmo de nossa essência como impulso constante por afirmação e satisfação. Schopenhauer complementa o quadro pessimista mostrando que, mesmo que nossos desejos sejam satisfeitos, mesmo quando obtemos regularmente o que queremos, isso não nos livra do espectro do *tédio*, a condição na qual sentimos uma carência ou falta que nos impele a agir²¹.

¹⁹ SCHOPENHAUER. *Sobre a Ética*, p. 141.

²⁰ DEBONA. *A outra face do pessimismo: entre a radicalidade ascética e a sabedoria de vida*, p. 19.

²¹ Conforme Janaway, “nós não escolhemos viver ou ter essa natureza essencial de todos os seres vivos: de querer infindavelmente e estar infinitamente exposto ao sofrimento. Nosso sofrimento nem mesmo tem um ponto final redentor. Nossa existência e a existência do mundo, que frustram facilmente nossas aspirações, não foram concebidas para permitir o alcance de qualquer bem, nem somos capazes de fazer qualquer progressão em direção à perfeição. Nessa parte fundamental da filosofia do valor de Schopenhauer, que tem a ver com a vontade como essência do eu e do mundo, nós descobrimos, em última instância, que nada há além de uma ausência de valor. Algo é bom somente se satisfaz a vontade de algum ser, mas não pode haver nenhuma satisfação da vontade como tal e, dessa forma, nenhum bem absoluto”.

O resultado do reconhecimento que, na ordem natural do ser ou da realidade e do eu, tal como seu sistema nos ensina a ver, não existe nenhum estado de perfeição ou quietude. A vida é, em essência, um movimento infinito em busca de completude ou realização, mas essa realização encontra-se submetida a uma vontade insaciável: encontra-nos sempre reféns da afirmação da Vontade. O sofrimento é contínuo, seja por conta da falta, seja por conta do tédio.

O reconhecimento da humanidade como conjunto de “desventurados” exige que consigamos olhar para a humanidade de modo a descobrir quais são os traços que a definem deste modo. Shakespeare foi um escritor que se dedicou durante toda sua vida a investigar a alma humana, isto é, trazer à tona as questões imbricadas e existenciais que tratam do mais íntimo e do mais obscuro traço da humanidade. Podemos dizer que o que Shakespeare faz é desvelar aquilo que a racionalidade possivelmente não dá conta, isto justifica porque ele é um autor universal e que sobreviveu ao seu tempo, na medida em que ele consegue trazer várias tonalidades da alma humana, fazendo uma verdadeira metafísica da alma, pois, apesar de se tratar de personagens individuais, eles acabam configurando, de modo geral, o que a humanidade é em si mesma, digna de ações louváveis e de ações que colocam em xeque o patamar de racionalidade.

Se, por um lado, a satisfação é considerada como negativa, pois representa apenas uma ausência de dor, onde adquirimos conhecimento dessa condição de maneira que “nada mais pode ser declarado como o objetivo de nossa existência, exceto o conhecimento de que seria melhor para nós não existir”²². O homem, como se pode depreender daqui, fruto da Vontade cega, irracional e “esfomeada”²³ é dor e uma dor que se manifesta individualmente através da personificação de um egoísmo imensurável:

O homem faz de si mesmo o centro do universo, antepondo a própria existência e o bem-estar a tudo o mais, sim. Do ponto de vista natural, está preparado a sacrificar qualquer coisa, até mesmo a aniquilar o mundo, simplesmente para conservar mais um pouco o próprio si mesmo, esta gota no meio do oceano²⁴.

Nessa caracterização da nossa condição, o sofrimento e o egoísmo não são apenas um mero componente da nossa existência, mas algo inerente ao próprio ser. Esse quadro pessimista corresponde à nossa condição natural cotidiana e responsável pela onipresença do egoísmo, assim como na tragédia de Lear. Porém, ele não é apenas uma entre as motivações, mas sim a que é mais regular nas práticas humanas e, justamente por essa razão, a motivação que está mais próxima da nossa condição. O egoísmo não é somente o impulso da existência e de bem estar, mas também envolve uma disposição que abarca um modo de conceber o mundo que Schopenhauer considera como sendo “o erro fundamental²⁵”. Para isto, o indivíduo precisa apenas de si mesmo, visto que cada um é portador

JANAWAY. *Self and World in Schopenhauer's Philosophy*, p. 2 – tradução nossa.

²² SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e como representação*, p. 350.

²³ Cf. SPIERLING. *Arthur Schopenhauer*.

²⁴ SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e como representação*, p. 426-427.

²⁵ “Que a existência humana deva ser algo como um extravio fica suficientemente claro através da simples observação de que o homem é a concreção de carências cuja satisfação dificilmente alcançável nada lhe garante senão um estado sem

da totalidade do mundo objetivo. A existência de tudo que lhe é externo se concretiza somente devido a sua representação. A forma do egoísmo envolve um ver como. O egoísmo é o sujeito aparecendo no modo da representação. A famosa expressão de Hobbes (*bellum omnium contra omnes*), máxima expressão do egoísmo, expressa a natureza e força do impulso individual, que sempre quer afirmar a si mesmo, ainda que destruindo a vida do outro. De que modo, não apenas as ações realizadas pelos vilões Edmundo, Regana e Goneril são motivadas pela cobiça de tomarem tudo para si, mas, arriscamos pensar, Lear e Gouchester também, em um primeiro momento, agem exclusivamente motivados pelo egoísmo, na medida em que exigem que aqueles que estão ao redor cumpram e correspondam às suas expectativas.

O egoísmo, como expressão interna da vontade, é tomado por Schopenhauer como algo natural e comum no mundo. Porém, enquanto Hobbes admite um hedonismo psicológico que distingue, através da razão prática, bens de curto e longo prazo e estabelece que bens de longo prazo possam levar a estados de menor dor, Schopenhauer assume um tipo de egoísmo volitivo que impede uma operação da razão prática no nível metafísico. Não é apenas o cenário do pessimismo marcado profundamente pelo sofrimento e pelas volições egoístas que permite que seja possível aproximar o plano conceitual schopenhaueriano da tragédia shakespeariana; ainda temos uma abertura para o exercício da compaixão, principalmente através das ações dos dois filhos que sofreram com a rejeição, Edgar e Cordélia.

Para Schopenhauer, após o reconhecimento da essência do mundo como sofrimento, o homem tem diante de si duas vias possíveis para a supressão da vontade: a primeira é a contemplação estética, que resulta em uma suspensão apenas momentânea do estado de sofrimento; a segunda consiste em uma total renúncia do sofrimento, que se dá através da vida ascética. A metafísica schopenhaueriana tem como ponto de partida uma dupla visão do mundo: como *vontade* e como *representação*. A Vontade, elemento primordial e universal – constitui o mundo e todos seus fenômenos mediante luta e conflito. Tal princípio possui diversos graus, atingindo seu ápice no ser humano. Enquanto Vontade, o retrato do homem resultante da filosofia de Schopenhauer é essencialmente egoísta, uma vez que a essência da vontade é uma “força cega”, que privilegia sua afirmação de modo irracional. Em vista disso, o ser humano (um fenômeno da vontade que existe como particular) não é visto como um ser digno,

dores, no qual só lhe resta o tédio e que prova que a existência em si mesma não tem nenhum valor; pois o tédio nada mais é que o sentimento de sua vacuidade” (SCHOPENHAUER. *Sobre a Ética*, p. 142). Em outro momento, ele também afirma: “em geral, tal como recusamos um medicamento amargo, resistimos ante a ideia de que a dor é consubstancial à vida e de esta não afluí em nós desde o exterior, senão que cada qual leva dentro de si a inesgotável fonte de si mesmo. Preferimos buscar, a modo de subterfúgio, uma causa externa dessa dor que nunca nos abandona. Infatigavelmente, vamos de desejo em desejo e, mesmo quando a satisfação alcançada não nos satisfaz tanto quanto augurávamos, caindo, na maioria das vezes em um erro vergonhoso, não nos damos conta de que tentamos abastecer o navio das Danaides... Um caso muito incomum, que pressupõe uma certa força de caráter é encontrarmos um desejo que, à vista das circunstâncias, não podemos satisfazer, mas ao que tampouco sabemos renunciar; deste modo, encontramos, de alguma maneira, o que buscávamos, a saber, algo que não podemos incriminar em todo momento como fonte de nosso pensar, em vez de reconhecer que tal fonte não é outra que nosso próprio ser; deste modo, ficamos inimigos de nossa sina, mas reconciliados com nosso ser e existir; pois com isso se relega o reconhecimento de que tanto nosso ser como nosso existir mesmos resultam circunstanciais ao padecer e que a verdadeira satisfação não é de todo impossível. A consequência deste processo é um humor melancólico que assume uma única grande dor e despreza todas as penas ou alegrias de menor magnitude. Isto constitui uma manifestação mais digna que a constante busca de miragens renovadas, bem representativa do habitual estado de coisas”. SCHOPENHAUER. *Sobre o fundamento da Moral*, p. 61-62.

dotado de uma posição especial na ordem das coisas, mas como animal perverso “por excelência”, ao contrário dos outros animais, que, segundo o autor, agem movidos pela necessidade.

Através dessa concepção de natureza humana completamente pessimista, Schopenhauer propõe não uma valorização ou exaltação da “dignidade humana”, mas sim um reconhecimento da fraqueza e do padecimento do outro que conduz o ser humano à posição de *compaixão*. O reconhecimento da fraqueza e do padecimento o qual somos inescapáveis fica evidente no reencontro de Lear com a filha Cordélia e no cuidado de Edgar, disfarçado de Pobre Tom, ao levar Goucheater até a beira do precipício e convencê-lo que, apesar da desgraça da atrocidade de ter seus olhos arrancados, o pai sobreviveu graças a um milagre divino. As ações dos dois filhos que foram injustamente julgados ao acolherem os pais exercem o sentimento mais sublime que os seres humanos são capazes de executarem, como compreende Schopenhauer, a compaixão é a participação direta na supressão do sofrimento do outro²⁶. Ora, se não fosse a possibilidade deste sentimento genuíno e puro, o que levaria os filhos que foram renegados e humilhados a acolherem os pais?

Cordélia, espantada diante do horror de ver o pai quase desfalecido, implora aos deuses pela sua vida:

Ó deuses impiedosos, fechai essa ferida enorme aberta em sua alma violentada. Restabelecei a harmonia na cabeça delirante deste pai transformado em criança. [...] Mesmo que não fosse pais delas, esses cabelos brancos deveriam inspirar-lhes mais compaixão²⁷.

Após as últimas palavras de Lear, ao saber que sua amável Cordélia havia sido assassinada, ele mesmo morre: “a minha pobre bobinha foi enforcada. Não, não, não tem mais vida. Por que um cão, um cavalo, um rato têm vida e tu já não respiras? Nunca mais voltarás, nunca, nunca, nunca, nunca!”²⁸. A pergunta de Lear é filosófica e metafísica: qual o sentido de tudo acabar? Qual o *telos* da nossa vida? Qual o sentido de uma vida cheia de bondade e amor que acaba deste modo cruel? Concretizado o luto geral, Edgar é quem expressa as últimas palavras que expressam o reconhecimento tão almejado por Lear, segundo o qual a velhice é marcada por um profundo sofrimento: “o mais velho sofreu mais; nós jovens, garanto, jamais veremos tanto, nem viveremos tanto”²⁹.

Lear e Glouchester carregam as cicatrizes do erro, e do início ao fim da tragédia temos a reverberação destes erros, a partir da crença errônea da traição filial de Cordélia e Edgar. Shakespeare, de forma brilhante, aponta para o drama universal da velhice e da finitude humana. A lição trágica, que desde os gregos, visa proporcionar autocontrole e conhecimento, é contemplada, deixando-nos a mensagens que um erro pode ser fatal para toda vida, e deste modo, *O rei Lear*, apesar do abismo

²⁶ “O processo aqui analisado não é sonhado ou apanhado no ar, mas algo bem real e de nenhum modo raro: é o fenômeno diário da compaixão, quer dizer, a participação totalmente imediata, independente de qualquer outra consideração, no sofrimento de um outro e, portanto, no impedimento ou supressão deste sofrimento, como sendo aquilo em que consiste todo contentamento e todo bem-estar e felicidade. Esta compaixão sozinha é a base efetiva de toda a justiça livre e de toda a caridade genuína”. SCHOPENHAUER. *Sobre o fundamento da Moral*, p. 129.

²⁷ SHAKESPERARE. *O rei Lear*, p. 119.

²⁸ SHAKESPERARE. *O rei Lear*, p. 139.

²⁹ SHAKESPERARE. *O rei Lear*, p. 140.

dos séculos com a contemporaneidade, ainda mantém-se atual³⁰. Deixando de lado, a conjuntura e o sistema político monárquico, ainda somos arrebatados pela nossa condição de seres finitos, assim como pela miséria que nos circunda, seja através das nossas ações errôneas, seja através da surpresa de encontrarmos, raras vezes, o exercício da compaixão.

Por fim, a correlação dos acontecimentos entre Lear e Gloucester. Por um lado, marcados pelo reino dividido, pelo sofrimento físico e mental, pelos filhos injustamente renegados, pelas mesmas ações falhas, pela maldade e pelo egoísmo. Por outro lado, a proximidade, mesmo que tardia, com os filhos injustiçados, que mesmo assim, são passíveis dos melhores sentimentos de amor e altruísmo. Os melhores sentimentos apenas amenizam a miséria da existência que faz sombra sob a vida dos personagens, já que, conforme Bloom, “todos os vilões acabam pagando por suas ações, porém Lear e Gloucester também morrem”³¹. Todos acabam morrendo, já que para a morte não importa a distinção entre bons e maus. Com ela chega ao fim o sofrimento, as traições e as ações infrutíferas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Tecnoprint, 1990.

BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro. *A consciência trágica do limite: mimesis e expressão*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BRADLEY, A. C. *Shakespearean Tragedy: Lectures on Hamlet, Othello, King Lear, Macbeth*. 2nd ed. London: Macmillan, 1995.

BORNHEIM, Gerd. *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BORNHEIM, G. Prefácio. In: HELIODORA, B. *Falando de Shakespeare*. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 4-12.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Trad. Marco Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BLOOM, Harold. *Shakespeare: a invenção do humano*. Trad. José Robert O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DEBONA, V. *A outra face do pessimismo: entre a radicalidade ascética e a sabedoria de vida*. Tese de Doutorado. São Paulo: PPG-Filosofia/USP, 2013. 270p.

DEBONA, V. *Schopenhauer e as formas da razão*. São Paulo: Annablume, 2010.

HOBBS, T. *Leviatã*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

JANAWAY, C. *Schopenhauer*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

³⁰ “O que melhor define Shakespeare está exatamente no fato de que ele tem nas mãos o seu tempo enquanto atualidade claramente assumida – quem fez isso antes dele? Se nós ainda o ouvimos é porque a nossa atualidade continua sendo a mesma, em que pese todas as metamorfoses”. BORNHEIM. *A descoberta do homem e do mundo*, p. xv.

³¹ BLOOM, Harold. *Shakespeare: a invenção do humano*, p. 598.

JANAWAY, C. *Self and World in Schopenhauer's Philosophy*. Oxford: Claredon Press, 1989.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barbosa. São Paulo: Unesp, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o fundamento da Moral*. Trad. Maria Lúcia Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. Trad. Flamarion C. Ramos. São Paulo: Hedra, 2012.

SHAKESPEARE, William. *O rei Lear*. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2016.

SPIERLING, V. *Arthur Schopenhauer*. Trad. José Antonio Molina Gómez. Madrid: Herder, 2010.

Mônica Saldanha Dalcol

Doutoranda em Letras (2016) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestra em Filosofia (2014) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É licenciada em Filosofia (2010) pela mesma universidade. Possui interesse em Filosofia, Literatura, Ética e narrativa. Dedica-se atualmente às temáticas que relacionam Filosofia feminista, Literatura e Ética, Autoria Feminina Afro-Brasileira e Crítica Literária Feminista. Professora de Filosofia do Colégio Marista São Luís.

Anselmo Peres Alós

Possui graduação e Doutorado em Letras, pela UFRGS, e Pós-Doutorado, pela UFPE. É professor Adjunto na UFSM/RS. Foi Professor-Visitante na UNILA, Professor-Leitor junto ao Instituto Superior de Ciência e Tecnologia de Moçambique e Professor-Colaborador do Centro Cultural Brasil-Moçambique e do Instituto Superior de Comunicação e Imagem de Moçambique. Tem experiência na área de Letras, com ênfase nos seguintes temas: Literatura Comparada e Teoria Literária. E-mail: anselmoperesalos@gmail.com

Enviado em 30/03/2018.

Aceito em 30/04/2019.